



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

## Liberdade segundo a esperança: imaginação e escatologia a partir de Paul Ricoeur e de Jacques Lacan

*Freedom according to hope: imagination and eschatology from Paul Ricoeur and Jacques Lacan*

*Libertad según la esperanza: imaginación y escatología de Paul Ricoeur y Jacques Lacan*

**René Armand Dentz Junior<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4842-0827](https://orcid.org/0000-0002-4842-0827)  
[renedentz@gmail.com](mailto:renedentz@gmail.com)

**Recebido em:** 16/09/2022.  
**Aprovado em:** 13/10/2022.  
**Publicado em:** 27/02/2023.

**Resumo:** É à luz de um eixo querigmático da esperança e da liberdade que Ricoeur busca uma aproximação "da maturidade" entre filosofia e teologia. O querigma funciona como passaporte para uma nova inteligência. A esperança é uma espécie de "descentramento", entre metáfora e parábolas, por um lado, e extravagância das coisas narradas e Reino, por outro. Em O si-próprio no espelho das Escrituras (presente em *Amour et justice*) Ricoeur afirma algo fundamental a partir dessa relação. Se a função do símbolo em Ricoeur é configurar o espaço do significado, o símbolo em Lacan é desvinculado de qualquer questão de significado. Sua função, diz ele, é até mesmo "não significar nada". Um confronto estreito entre Lacan e Ricoeur em torno desses três temas – o simbólico, o real e o imaginário – é útil para descrever os possíveis obstáculos da representação em relação à interpretação das alegações escatológicas, pois a imaginação em Ricoeur tem fundamentalmente a ver com o poder criativo (poético-metafórico) da linguagem, enquanto a imaginação em Lacan se refere a um efeito de alienação na imagem que, precisamente, dificulta a criatividade da vida subjetiva.

**Palavras-chave:** esperança; querigma; metáfora; poética; liberdade.

**Abstract:** It is in the light of a kerygmatic axis of hope and freedom that Ricoeur seeks an approximation of "maturity" between philosophy and theology. The kerygma works as a passport to a new intelligence. Hope is a kind of "decentering", between metaphor and parables, on the one hand, and the extravagance of things narrated and Kingdom, on the other. In *The self in the mirror of the Scriptures* (present in *Amour et justice*) Ricoeur affirms something fundamental from this relationship. If the function of the symbol in Ricoeur is to configure the space of meaning, the symbol in Lacan is detached from any question of meaning. Its function, he says, is even "to mean nothing". A close confrontation between Lacan and Ricoeur around these three themes – the symbolic, the real and the imaginary – is useful to describe the possible obstacles of representation in relation to the interpretation of eschatological claims, for imagination in Ricoeur has fundamentally to do with the creative (poetic-metaphorical) power of language, while imagination in Lacan refers to an effect of alienation in the image that, precisely, hinders the creativity of subjective life.

**Keywords:** hope; kerygma; metaphor; poetics; freedom.

**Resumen:** Es a la luz de un eje kerigmático de esperanza y libertad que Ricoeur busca una aproximación de "madurez" entre filosofía y teología. El kerygma funciona como pasaporte a una nueva inteligencia. La esperanza es una especie de "descentramiento", entre la metáfora y la parábola, por un lado, y la extravagancia de las cosas narradas y el Reino, por otro. En *El yo en el espejo de las Escrituras* (presente en *Amour et justice*) Ricoeur afirma algo fundamental de esta relación. Si la función del símbolo en Ricoeur es configurar el espacio del sentido, el símbolo en Lacan está desligado de toda cuestión de sentido. Su función, dice, es incluso "no significar nada". Una estrecha confrontación entre Lacan y Ricoeur en torno a estos tres temas – lo simbólico, lo real y lo imaginario – es útil para



describir los posibles obstáculos de la representación en relación con la interpretación de las afirmaciones escatológicas, pues la imaginación en Ricoeur tiene que ver fundamentalmente con la potencia creadora (poético-metafórica) del lenguaje, mientras que la imaginación en Lacan remite a un efecto de alienación en la imagen que, precisamente, impide la creatividad de la vida subjetiva.

**Palabras clave:** esperanza; kerigma; metáfora; poética; libertad.

## Introdução

No contexto de uma discussão sobre a secularização e a "ausência de escatologia", Ricoeur se interroga sobre a problemática do conhecimento do fim proclamado das "grandes narrativas", o fim abordado de forma similar àquele sugerido por Northrop Frye em *Le grand code*. Quanto a ele, o filósofo percebe na atual situação uma chance para comunidades eclesiais tornadas modestas, tendo aprendido a não se apropriar da "economia da salvação" para satisfazer qualquer apetite de poder que seja.

Dessa maneira, a parábola nos distancia da narrativa e da identidade narrativa. No entanto, faz-se necessário encontrar meios para reduzir a distância entre a lógica da equivalência e a lógica da superabundância, entre o filosófico e o religioso. Ou seja, é preciso encontrar um ponto de convergência entre a economia do dom e do abandono e de compreender convergências e divergências entre a hermenêutica bíblica e a leitura de Spinoza, ou ainda entre esta e a referência ao budismo que é percebida de forma discreta na obra do filósofo francês, presente em seu livro póstumo *Vivant jusqu'à la mort*.

## 1 Linguagem bíblica e poética

Frye tem como proposta estudar a Bíblia a partir de uma crítica literária. De acordo com ele, a linguagem bíblica é uma modalidade retórica, sendo assim uma síntese da metáfora e da existência. Com isso, Frye busca a identificação na Bíblia de uma estrutura fundamental, por meio da divisão das fases da linguagem que, de acordo com ele, passam pela metonímica e alcançam a descritiva. O discurso bíblico por excelência é o querigmático, pois, a partir do trabalho de Rudolf

Bultmann, a característica linguística bíblica é o próprio querigma. Ricoeur não busca concretizar um projeto de desmitologização, pois afirma que o mito é o caminho linguístico do querigma. O que é pressuposto é que a fé, enquanto experiência vivida, é instruída – no sentido de formada, esclarecida, educada – na rede de textos que a pregação reconduz cada vez para a fala viva. Esta pressuposição da textualidade da fé distingue fé bíblica (Bíblia querendo dizer Livro) de qualquer outra. Em um sentido, pois, os textos precedem a vida. Posso nomear Deus em minha fé porque os textos de que me foram pregados já o nomearam (RICOEUR, 1992, p. 167).

Aqui podemos falar apenas de outro tipo de discurso: trata-se do discurso poético, que está no âmbito não mais do "ver como", mas do "ser como", da dimensão fundamental instaurada, por exemplo, pelo mundo bíblico, do "poder ser". Há aqui uma dimensão do mundo da vida que somente pode ser referido de forma indireta por meio da combinação da linguagem resultante em obras literárias. Trata-se de um conjunto de referências instauradas por todos os modos de textos descritivos e poéticos. Mas o que é a liberdade segundo a esperança? Direi numa palavra: é o sentido da minha existência à luz da ressurreição, isto é, recolocada no movimento a que chamamos o futuro da ressurreição de Cristo. Nela, repousa a firme esperança apesar de todo mal. Animando-me, essa esperança me põe em marcha, impulsiona-me na luta contra o mal (RICOEUR, 1969, p. 397).

Ricoeur, em sua hermenêutica dos símbolos, busca dar uma resposta a um dilema central da modernidade: o esvaziamento de sentido acerca das figuras do Sagrado, a um ateísmo e sua conseqüente possível perda do sentido. Dessa forma, Ricoeur enfatiza a diferença em relação à leitura crítica e à leitura confessante. A atitude hermenêutica filosófica de leitura livre e crítica dos textos difere da leitura querigmática dos textos bíblicos, por exemplo.

No prefácio de *Du texte à l'action*, Ricoeur afirma que, em comparação com seus ensaios de hermenêutica reagrupados sob o título de

*Le conflit des interprétations*, a necessidade de defender o direito à existência da hermenêutica deixa agora lugar ao desejo de colocá-la efetivamente em ação. Efetivar a hermenêutica é algo que pode ser exemplificado mesmo com a hermenêutica bíblica, enquanto especificação de uma hermenêutica geral. No mesmo prefácio, Ricoeur declara que a "reinscrição progressiva da teoria do texto em uma teoria da ação" é a dominante naquilo que ele chama, ironicamente, de uma empresa de hermenêutica militante. Trata-se de uma postura que predominou no pensamento de nosso autor nas décadas seguintes, notadamente em *Soi-même comme un autre* e em *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*.

## 2 Estrutura narrativa e semântica de metáfora

Se, por uma questão de princípio, uma história conta uma história fechada sobre si mesma e é autossuficiente, como é feito quando a história em uma parábola sobre escatologia se refere a *algo diferente* do que é dito? Não haveria, nesse tipo de narrativa, marcadores de sua referência externa que abrem a narrativa para algo diferente do que ele quer dizer? Essa questão não pode ser resolvida pelo fato de que as parábolas exegeses são narrativas na narrativa na medida em que a forma evangélica é uma forma narrativa. Essa opção frequente na exegese inclui interpretação em uma rede de sentidos desprovidos de qualquer propósito ontológico.

É o que acontece com a exegese estrutural francesa associada ao que Ricoeur chama de *ideologia estrutural*: neste último mandato, quero dizer, ele escreve, uma concepção geral do status filosófico do discurso como "texto". A ideologia estruturalista envolve quatro observações sobre a análise estrutural da narrativa, que reduzem a performatividade da narrativa como intencionalidade do ato e seu propósito ontológico. A auto-

nomia da narrativa envolve tanto o fechamento da narrativa sobre si mesmo quanto a abolição completa da dimensão referencial da linguagem. Essa imanência de significado, portanto, abolia a função da narrativa e o propósito referencial da linguagem. O *código* prevalece sobre a *mensagem*. Narrativas e mitos podem ser tratados como um sistema de sinais estruturados por uma lógica de relações conflitantes a serviço de sua explicação e não de sua interpretação.<sup>2</sup> Quando a análise estrutural é aplicada às narrativas, descobrimos que a exegese é mais sobre a correspondência da lógica das relações contraditórias do que sobre o enredo da narrativa.<sup>3</sup> A análise estruturalista da narrativa segue apenas o significado em um "jogo de espelhos", um "jogo de significado", um "brilho de significado", colocando os potenciais dramáticos e existenciais da trama entre parênteses. Assim, há uma dissolução de valores referenciais – como o desejo, o corpo – no jogo de correspondências em favor de uma palavra.

Esse conjunto de observações leva Ricoeur a questionar como a própria análise estrutural é confrontada com o propósito ontológico das narrativas bíblicas: ou o Outro é *apenas* um "buraco" na textura do texto, ou é referido como um ser extralinguístico por *resíduos* do sistema de jogo e interação e, em seguida, a análise estrutural deve se abrir para outro tipo de interpretação que leva a sério a transcendência do texto para além de si. A imaginação poética da esperança direciona a atenção da interpretação aos marcadores internos da narrativa e do evento implicitamente direcionados a significados existenciais, pois carregam a performatividade da narrativa como a intencionalidade da atuação.

A parábola é uma obra estética porque é considerada uma ficção narrativa, ou seja, histórias livremente inventadas. O enredo, como uma estrutura característica da ficção narrativa, é o processo de movimento ascendente em direção

<sup>2</sup> Ver: LÉVI-STRAUSS, Claude. A Análise Morfológica dos Contos Russos. *Revista Internacional de Linguística e Poética Eslavas*, p. 122-149, 1960/3; LÉVI-STRAUSS, Claude. O Estudo Estrutural do Mito. *Antropologia Estrutural*, Nova Iorque, Doubleday, p. 202-228, 1967.

<sup>3</sup> Ver: MARINHA, Louis. Análise Estrutural de uma Narrativa de Parábola: Mateus 13, 1-23. *Estudos teológicos e religiosos*, 46, p. 35-54, 1971; MARINHA, Louis. Mulheres na tumba. Análise estrutural de um texto evangélico. In: CHABROL, C.; MARIN, L. (ed.). *Semiotic narrativa: narrativas bíblicas*. Paris: Didier-Larousse, 1971. p. 39-50. Para ilustrações críticas, consultar: RICOEUR, Paul. *Hermenêutica Bíblica*, p. 173-177, 179.

ao bem-estar e movimento descendente em direção ao desastre. Essa tensão entre esses dois movimentos dá à ficção narrativa sua qualidade dramática. O modo mímico – fraco ou forte – vem do campo de ação, ou seja, do mundo da vida real comum, e do protagonista. As imagens e o simbolismo do campo de ação são extraídos da experiência comum. O personagem está lutando com as cenas em que ele consegue se reconhecer, para se identificar consigo mesmo quando ele se vê pego após o fato em um evento feliz ou catastrófico. A estrutura temporal da história é regulada pela trama caracterizada pelo desconhecido e pela surpresa, a partir de qualquer previsão cronológica dos acontecimentos. A cena de reconhecimento é produzida pela conexão entre o movimento em direção ao bem-estar e o movimento em direção ao desastre. No entanto, Ricoeur acredita que esse procedimento axiomático formal de O. Dan Via leva a uma lacuna entre a estrutura “interna” e a referência existencial “externa” da narrativa. Essa lacuna justifica a busca de uma reconciliação entre uma análise estrutural e uma hermenêutica existencial, mesmo que pareçam irreconciliáveis aos proponentes dessas duas perspectivas. Uma liberdade aberta na nova criação é, com efeito, menos centrada na subjetividade, na autenticidade pessoal, do que na justiça social e política; ela chama uma reconciliação, que pede ela própria a se inscrever na recapitulação de todas as coisas (RICOEUR, 1969, p. 399).

O processo metafórico é um passo intermediário entre a análise estrutural e a hermenêutica existencial. As palavras têm seu próprio significado comum definido em uma comunidade falando pelas normas de uso da linguagem por um lado e, por outro lado, consagrados em um código léxico. A retórica tem a ver com os significados figurativos de uma palavra que se desvia do uso comum. O fato de haver mais *ideias* do que *palavras* cria a necessidade de uma extensão do significado ordinário das palavras disponíveis em uma linguagem além de seu uso habitual. A metáfora, por outro lado, não é como uma retórica para preencher o déficit semântico das palavras

em relação à realidade ou adornar o discurso. Não pode ser reduzido à sua função emocional. Ricoeur lida com dois problemas principais, cada um dividido em duas questões.

O primeiro problema trata da importância da teoria das metáforas para o estudo do discurso bíblico e, em particular, das afirmações escatológicas e apocalípticas. Primeiro, mais do que uma figura de estilo, a metáfora é uma espécie, na expressão de Ricoeur, de um trabalho inovador de significado; segundo, inclui uma indicação referencial. Metáfora só significa em uma declaração, em uma frase, mesmo que coloque em tensão seus termos que usa. Essa tensão não é um mero confronto de dois termos de uma sentença nas produções de sentido, mas entre duas interpretações completas da declaração. É uma associação bem calculada entre regra e erro na lógica do uso das palavras. A metáfora não consiste em uma simples ilustração de ideias por imagens de acordo com o jogo de semelhança. Podemos dizer que é um “erro calculado” que equipara coisas que não combinam. Revela uma relação de significado entre coisas desconhecidas que passaram despercebidas por sua semelhança. Trata-se de uma verdadeira *criação instantânea de significado*, uma *inovação semântica* que traz à tensão duas interpretações de uma afirmação metafórica, uma literal e outra alegórica. Esta criação de significado é produzida pela descoberta simultânea de uma semelhança sem precedentes e discordância entre essas duas interpretações.

Mais do que apenas um valor emocional, a metáfora mostra o novo *significado* da *realidade*: “Significado é o que uma declaração diz, referência é o *que* diz” (RICOEUR, 1996, p. 31). Se a função da linguagem é articular nossa experiência do mundo, dar forma a essa experiência, significa que ela está aberta ao mundo que expressa e transmite sem ser fechada a si mesma como a língua. O processo metafórico, parte dessa vocação da linguagem para expressar nossa experiência do mundo, rompe com a análise estrutural da narrativa que obscurece a dialética do significado e da referência. A metáfora, ao tensionar duas

interpretações – uma literal e outra figurativa – de uma afirmação, opera dois movimentos. Em primeiro lugar, suspende o objetivo referencial do significado ordinário, a fim de revelar pela segunda vez uma nova referência anexada ao novo significado da realidade. A metáfora poética opera nesse sentido uma duplicação de referência. É uma redescritção da realidade, uma nova experiência do mundo. Nesse sentido, a metáfora poética ilumina o significado relacional e o sentido existencial da vida, ou seja, o significado do ser.

O segundo problema articula a função narrativa e o processo metafórico e vai de um para o outro e vice-versa: nas parábolas a narrativa não convida a ser interpretada metaforicamente, apenas literalmente? Que pistas eles induzem a interpretar uma história como uma parábola, ou seja, como uma história inventada para transmitir uma mensagem? A parábola reúne figuras metafóricas e tramas narrativas. Nesse sentido, torna-se uma ficção capaz de reescrever a vida. Essa consideração é desempenhada em dois níveis da interpretação da parábola. É jogado primeiro no primeiro nível da "teoria de gênero" e depois no segundo nível, "a teoria dos 'tropos', que regula a transferência do significado da história tomada como um todo para a esfera existencial à qual é 'aplicada'".

A narrativa nada mais é do que a expressão metafórica da experiência que vem à linguagem. É nos desafios da trama que o julgamento metafórico é mostrado em uma narrativa. Por exemplo, a frase "O Reino de Deus é como algo... não é como o homem que... a mulher que..., o azedo que... a pérola que..., mas o Reino é como o que acontece na história. O Reino de Deus não é como *aquela que*, é como quando". Em outras palavras, é no enredo da narrativa que a dimensão referencial é indicada pela metáfora e se funde com a dimensão existencial da experiência humana. Declarações escatológicas, afirmações proverbiais e declarações parabólicas apontam na mesma direção: o Reino de Deus é seu horizonte comum. Há, segundo Ricoeur, uma possível transposição entre esses diferentes modos de discurso: uma narrativa pode ser entendida como uma parábola

se também pode ser convertida em um provérbio ou dizer escatológica dela. A tensão entre figuras narrativas e metafóricas é equiparada ao jogo dialético de estrutura e processo.

Reino de Deus. Trata-se da expressão-limite de uma realidade que escapa a toda descrição. O reino é significado somente por essa espécie de transgressão linguística que vemos em ação nas parábolas, em certos provérbios e em certos paradoxos do discurso escatológico [...]. Como fábulas, as parábolas são simples historietas de alcance metafórico: "O Reino de Deus é semelhante a...". Mas não há parábola que não introduza na intriga um traço implausível, insólito, desproporcionado, ou ainda escandaloso: um grão de mostarda que dá uma árvore gigantesca, um operário da última hora tão bem pago como um operário comum, um convidado expulso porque não vestiu o traje da boda, etc. Observa-se a mesma transgressão de sentido nas proclamações escatológicas, nas quais Jesus somente adota a forma comum em seu tempo do discurso sobre as coisas últimas apenas para subverter o cálculo [...] paradoxos e hipérbolos dissuadem o ouvinte de formar um projeto coerente e de fazer de sua própria existência uma totalidade contínua (RICOEUR, 2010, p. 66-67).

Além dessas preocupações excessivas de uma busca metodológica de conciliação entre hermenêutica estrutural e existencial para a qual a referência da narrativa faz sentido na "troca" ou "dom" que ocorreu em uma "situação" que expressa, articula ou interpreta de uma nova forma, implantando sua função *mimética*, é importante ampliar essa abordagem explicando o poder da *narrativa-ficção-ficção e imaginação poética*. O tempo contado e encontrado nas declarações apocalípticas e escatológicas associadas a parábolas.

A proposta de Bultmann busca descobrir as estruturas ontológicas da apropriação do significado das Escrituras, após a desconexão entre a figura de estilo da linguagem e a fatualidade do evento histórico na exegese histórica-crítica. A estrutura tripartite da hermenêutica da desmitologização de R. Bultmann consiste, em primeiro lugar, no diálogo com a ontologia crítica, implementada em discursos científicos (as ciências naturais e as humanidades) e mito. Esse diálogo é então tomado reflexivamente pela filosofia para pensar a verdade do ser emprestado de Heidegger I (*Ser*

e *Tempo*), em suas estruturas fundamentais ou existenciais que são afeto, compreensão e fala. Finalmente, a exegese teológica implanta uma hermenêutica existencial pensativa dentro de um diálogo crítico da fé, assumindo e superando a ontologia crítica do discurso científico, e a ontologia da fenomenologia existencial. A construção do significado implementado pela desmitologização remove o sujeito de sua pretensão de conhecer a fim de acessar a verdade da fé proclamada em querigma. Essa redução do conhecimento tornou-se agora um critério hermenêutico de justificativa (BULTMANN, 1963, p. 23).

A correspondência do objetivo ontológico a cada tipo de discurso pressupõe que as respectivas funções de poesia e estética são bem distinguidas. A função da *poesia* é o poder de combinar a redescritção da realidade com o poder de *trazer* as ficções da imaginação à fala. Enquanto a função da estética é confrontar o mundo imaginário da narrativa e o mundo real do eu interpretando a fim de abrir e preparar a partir das *promessas* de sentido da narrativa o caminho da ação. Estes estão trabalhando nas afirmações escatológicas e apocalípticas, porque destacam a ontologia da esperança que está por trás delas.

### 3 A imaginação da metáfora poética entre Lacan e Ricoeur

É importante ressaltar aqui que é com a psicanálise que é possível destacar as armadilhas da relação entre linguagem e imagem quando o processo metafórico das reivindicações escatológicas é movido para o campo do *para nome* da retórica grega, para o qual uma figura é uma cópia de imagem de uma ideia. G. Antier mostra como "a imaginação em Lacan se refere a um efeito de *alienação* na imagem que, precisamente, dificulta a criatividade da subjetividade (ênfaticada pelo autor)". Esse efeito de alienação na imagem é uma esclerose da representação de corte da criatividade linguística da imaginação poética. É aqui que aparece essa ambivalência

de representações escatológicas, que pode ser um obstáculo e uma promessa para o evento da experiência do inédito revelando o novo ser do mundo.

O imaginário com o simbólico e o real constituem os três tópicos da malha da subjetividade em Lacan. Sem traçar aqui a gênese da alienação na imagem a partir do problema do estágio do espelho da formação da realidade psíquica através da imagem do corpo na criança<sup>4</sup>, deve-se dizer que esse processo de identificação pela imagem não é apenas necessário para a formação da realidade psíquica, mas também uma fonte de fantasias de onipotência onipotente tipo todo-poderoso (LACAN, 1975, p. 213). O discurso escatológico como expressão de um imaginário de onipotência ou desejo de totalidade infalível pode ser interpretado como um sintoma, desde que o sujeito não perceba que se pretende nunca coincidir com o ideal de totalidade enganosa devolvido pelo espelho do mundo das imagens.

Nessa perspectiva, onde a imaginação é reduzida a uma função de reprodução da imagem, pode-se dizer que a fantasia desempenha para o cumprimento do desejo um papel de substituição em relação ao seu *objeto perdido* cuja imagem nem sempre está ligada à linguagem. Nos deparamos com uma contradição não resolvida da psicanálise pós-freudiana de Lacan, onde os determinantes cruciais do inconsciente – como os "representantes" dos impulsos, ou seja, representações e afetos inconscientes – são linguísticos e permanecem isolados da energia (LACAN, 1999, p. 213). A situação analítica como situação de fala permite uma reformulação linguística da psicanálise. A análise só é capaz de falar entre si. No contexto da *cura falante*, trata-se, portanto, de uma questão de mudança, segundo a observação de Ricoeur, levantando a tese de Lacan de uma "narrativa ininteligível para uma narrativa inteligível". O sintoma não é mais da ordem de uma fantasia, mas da ordem linguística, pois está integrado à estrutura narrativa de uma

<sup>4</sup> Ver: LACAN, Jacques. Complexos Familiares na Formação do Indivíduo (1938). In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Paris: Seuil, 2001. p. 23-83; LACAN, Jacques. Mirror Stage as Trainer of the Function of the I. In: LACAN, Jacques. *Escrito*. Paris: Seuil, 1966. p. 93-100; LACAN, Jacques. *Seminário II*. O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica (1954-1955). Paris: Seuil, 1978.

experiência pessoal envolvendo as relações da linguagem e da experiência analítica, utilizando a "historicização primária da experiência infantil", segundo Lacan, e "simbolizações construídas na infância", segundo Edelson.

É nesse sentido que nos Estudos de Freud e Breuer sobre *Histeria* de Freud et Breuer é proposto um semiótico de sintomas. Símbolos, como a memória substituí, são os meios pelos quais o trauma, cuja memória da cena foi reprimida, continua a existir na forma distorcida dos *sintomas*. O valor metafórico das palavras muitas vezes garante a transição do sintoma para a expressão linguística, onde às vezes um estado psíquico pode ser simbolizado pela expressão corporal. Assim, o que foi enterrado no corpo pela conversão histérica é trazido à linguagem traduzindo um sintoma histérico em uma metáfora: "Não dizemos [...] quando você se sente sem esperança, ter pernas quebradas?" (RICOEUR, 1965, p. 38). Até onde a situação analítica pode ser considerada como um universo da linguagem? Em *A Interpretação dos Sonhos*, a obra do sonho é uma investigação para tornar inteligível o "pensamento do sonho" pelos processos linguísticos, ou seja, *traduzir* os pensamentos latentes do sonho em conteúdo manifesto. Condensação é uma representação que significa metaforicamente "compressão" de pensamentos de sonho, "abreviação" e "laconismo" resultante da disjunção da figura dos sonhos em seus elementos iniciais, tendo nomes distintos e capazes de descrições distintas, durante o curso das cadeias associativas de pensamentos oníricos. Enquanto o deslocamento é uma transferência de intensidade psíquica destinada a frustrar a censura imposta pela resistência, um elemento distante do foco de interesse e, portanto, da representação proibida ter recebido o valor original colocado sobre ele. Trata-se de expressar a energia do sonho com uma linguagem figurativa, pois "o trabalho dos sonhos envolve processos semióticos que foram desconfigurados pela situação de reprovação" (RICOEUR, 1965, p. 42). O discurso do estado acordado se desdobra, assim, em um espaço lógico oposto à expressão dos afetos que animaram o

processo do próprio sonho.

O que interessa a Ricoeur é a possível homologia entre os recursos da retórica da fala e com a descoberta da psicanálise. Roman Jakobson considera que a oposição entre metáfora – o tropo por semelhança – e metonímia – o tropo por contígua – percorre todas as operações de significado. Essa polaridade de significado é eficaz nos processos simbólicos inconscientes descritos por Freud no sonho. Do lado da contiguidade, o deslocamento seria metonímico e a condensação seria sintética e, do lado da similaridade, identificação e simbolismo. Lacan identificará deslocamento e metonímia, condensação e metáfora.

Independentemente dessa discrepância entre R. Jakobson e J. Lacan sobre a relação da retórica e da psicanálise, o trabalho dos sonhos de Ricoeur faz parte de uma organização simbólica a serviço de interpretar a existência do sujeito ao longo de sua história. No entanto, a situação analítica é uma experiência analítica da *cura falante* cujo universo mais apropriado não é apenas a fala, mas também a imagem como expressão do desejo. Que o inconsciente está estruturado como uma linguagem segundo Lacan pode justificar a reformulação linguística da psicanálise é necessária, mas isso não leva à conclusão de que todos os fatores significativos do inconsciente pertencem à ordem linguística.

Já em 1965, foi a censura comum de Ricoeur (RICOEUR, 1965, p. 37) dirigida intransigentemente a Lacan. É importante saber como o processo extralinguístico primário é a linguagem, como a arqueologia do desejo se encaixa no registro da fala? A captura do *arco do impulso* é feita quando o processo primário entre os fatos da linguagem, ou seja, quando as "palavras" são tomadas como "coisas". O simbolismo do inconsciente não é um fenômeno *linguístico stricto sensu*. Porque na *Interpretação dos Sonhos* a condensação e o deslocamento operam ao nível da imagem *onírica* distinta do nível de elaboração do significado. O sonho é feito de "material psíquico". No trabalho dos sonhos, a criação de imagens consiste em uma "apresentação visual" de pensamentos de sonho que funciona como a linguagem: "a lingua-

gem funciona em um nível *pictórico* que a coloca nas proximidades da imagem visual e vice-versa". A imagem como um emprego dos sonhos é um processo de transformar os pensamentos latentes do sonho em conteúdo manifesto. Esse processo de sonho é, segundo Ricoeur, semelhante ao esquematismo kantiano da imaginação, que consiste em fornecer uma imagem ao conceito.

Os mecanismos dos sonhos jogam dialeticamente entre o nível sublinguístico ligado à fantasia ou imagem abaixo do nível em que a educação estabelece o regime distinto da linguagem e o nível supra linguístico onde as narrativas são estruturadas pelas grandes unidades de discurso que são provérbios, folclore e mitos. Assim, a subjetividade de cada indivíduo em uma cultura é presa entre inconsciente e consciente e sofre, por um lado, o *arco* dos impulsos em uma simbolização de uma ordem de fantasia e, por outro lado, manifesta seus processos na retórica com suas metáforas, metonímias, suas sinédoques, seus eufemismos, suas alusões, suas antissentenças. Estas são consideradas por Ricoeur como manifestações da vida imaginária com a qual o sonho esfrega os ombros. Em que sentido podemos dizer que essas manifestações da vida imaginária pertencem ao mesmo nível de operação psíquica que o sonho? Ricoeur reconhece que o que ele chama de "espaço de fantasia"<sup>5</sup> é caracterizado mais por sua diversidade do que por sua unidade: a diversidade de situações – do despertar ao sono, a diversidade de níveis de eficiência – da alucinação à obra de arte, da diversidade da *mídia* – da linguagem às obras públicas às imagens sensoriais.

A unidade deste espaço de fantasia é mantida pelo cumprimento do desejo (*Wunsch-erfüllung*) como unidade motivacional. Isso é estabelecido pela mediação comum imaginária análoga aos traços do trabalho dos sonhos. A primeira característica é o caráter da *figurabilidade*, uma imagem que o sonho compartilha com a linguagem. A linguagem também funciona neste nível

figurativo. A segunda característica é *caractere de substituição*. Nesse sentido, a imagem tem um caráter semiótico. Ele tem a capacidade do sinal de funcionar como uma substituição. É assim que a interpretação do sonho pode ir da imagem do sonho a um mito, um provérbio, um poema. A imagem tem a função dinâmica do processo esquemático kantiano, que consiste em fornecer imagens com conceitos. A terceira característica, onde Ricoeur se junta a Lacan, é a *polaridade da imaginação* na tensão entre alucinação (pura fantasia) e construção simbólica (o trabalho criativo do significado).

Contudo, Ricoeur abre uma nova perspectiva, ausente em Lacan, sobre as relações de imagem e linguagem que aproxima a psicanálise da literatura poética e da literatura de ficção e prolonga a interpretação das afirmações escatológicas na literatura bíblica. Não é insignificante que tenha sido durante uma comunicação no Dia da Sociedade Francesa de Psicopatologia da Expressão em Lille, em 23-24 de maio de 1981, dirigida a psicólogos e cientistas sociais interessados nos aspectos "psíquicos" ou "mentais" da realidade individual ou social, que Ricoeur se concentra nos impasses epistemológicos de uma certa articulação da linguagem, realidade e imaginação.

Lacan não é nomeado por Ricoeur nesta crítica, mas quando conhecemos sua disputa, pode-se rapidamente imaginar a direção de seu aviso. Em Lacan, a imaginação está enraizada na imagem especulativa. Tem sua própria unidade. O eu espelhado ideal, a imagem narcisista não é uma representação simbólica. Não deve nada a um significado. A imaginação é separada do simbólico e, portanto, de qualquer operação de significado. A imagem como um traço, neste caso, é um resíduo de percepção trazido de volta ao efeito que as coisas produzem em nós.

É contra essa concepção da imagem separada da linguagem na psicanálise de Lacan que Ricoeur propõe uma nova fenomenologia hermenêutica das relações de imagem e lingua-

<sup>5</sup> Ver: RICŒUR, Paul. Psicanálise e a Obra de Arte. In: *Psiquiatria e Humanidades*, I, ed. por J. H. Smith, New Haven-London, Yale University Press, 1976. p. 3-33. Reprisado in: *Psychanalysis and Art*. In: RICŒUR, Paul. *Escritos e palestras 1*. Em torno da psicanálise. Paris: Seuil, 2008. p. 221-256.



gem. É preciso distinguir a imagem no sentido psicológico e psicanalítico em Lacan e a imagem que é uma questão de criatividade linguística. Se a imagem mental é a evocação livre de uma coisa ausente que pressupõe apoio físico ou psíquico, então ela é jogada no registro de crença e ausência para a qual muitas vezes há o risco de confusão entre o imaginário e o real. Esta é mais precisamente a situação nos casos em que a imagem é tanto uma *reprodução* de algo ausente, mas *real* como um retrato e uma imagem de cópia mental ou física, como a produção de uma irreal, como em modelos científicos, ficções literárias, representações religiosas. A possível confusão entre o imaginário e o real está ligada a dois conjuntos de concepções da imaginação, cada uma com sua forma extrema. Por um lado, a tradição de Montaigne, Pascal e Spinoza, segundo a qual a imagem faz da imaginação uma função de captura em ilusão que pode ir tão longe quanto alucinações. Por outro lado, a tradição de Husserl e Sartre faz dele o modelo de qualquer época, de qualquer suspensão ou distância do real que possa ir tão longe quanto o jogo livre de distância crítica.

Há uma flexibilidade, um dinamismo da imaginação na forma de investir o campo das representações através da linguagem, onde a imaginação de Lacan está do lado de uma fixação, uma esclerose de imagens. Se a imaginação pode ser equiparada, pelo menos em parte, a um processo de revelação e produção de significado, a imaginação estreita o espaço de significado empurrando o sujeito para se incluir no espelho de suas identificações. A teoria de Lacan sobre os três tópicos revela as armadilhas da representação na qual ela duplamente envolve o sujeito na insignificância do símbolo e na ilusão de suas identificações. Em Lacan, a imaginação não é realmente articulada à linguagem, mas ao campo da imagem, que em si é distinta da linguagem. Em Ricoeur, a perspectiva é diferente: a questão da imagem em si surge em relação à questão da linguagem e da interpretação. A imaginação,

deste ponto de vista, é articulada ao símbolo, é uma maneira de tocar o símbolo ou brincar com ele, sabendo que a noção de símbolo não tem o mesmo significado dependendo se ele é encontrado sob a caneta de Ricoeur ou sob a de Lacan.

No primeiro nível na produção de sentidos, a imaginação está ligada ao trabalho de semelhança. O trabalho da imaginação na metáfora está em ação quando a produção de significado coloca em tensão a *incongruência da nova pregação* com o desvio de sentido ao nível das palavras (léxico) como a frase (sintaxe) e o desejo de reduzir essa incongruência pela orientação de atenção ao surgimento da nova *congruência* após a destruição da incongruência, do uso comum se torna. Qual é o trabalho da semelhança? A inovação semântica é um erro calculado, um desvio do uso semântico de uma regra para fazer sentido a partir de uma atribuição de imagem incongruente a uma realidade que é contraditória a ela. Por um lado, há uma transgressão do uso semântico que cria uma incongruência do significado literal e, por outro lado, uma aproximação contraditória entre uma imagem e a realidade que é dita e cuja congruência de significado metafórico é o propósito da afirmação. A semelhança aqui é essa aproximação que manifesta uma familiaridade genérica entre ideias anteriormente heterogêneas. A imaginação, um "see-like", uma compreensão intuitiva garante uma aproximação semântica no espaço lógico, uma produção de semelhança que não é mais do que uma assimilação.

No segundo nível da produção de sentido, não é possível compreender como a produção de conceitos é acompanhada por imagens em tensão metafórica se a imagem é vista como uma imagem mental isolada, ou seja, como a reprodução de uma coisa ausente. A imagem seria, portanto, externa ao processo de reconciliação preditiva da afirmação metafórica.<sup>6</sup> A tarefa da imaginação na metáfora poética é de fazer a transição do esquema para a apresentação icônica. É a fronteira de uma semântica da imaginação produtiva e da psicologia da imaginação

<sup>6</sup> Este enigma é apontado por Paul Henle, referindo-se a Charles Sanders Peirce como a distinção entre signo e ícone. Ver: HENLE, Paul. Metáfora. In: HENLE, Paul; ARBOR, Ann. *Língua, Pensamento e Cultura*. University of Michigan Press, 1958. p. 173-195.

reprodutiva.

O enigma é resolvido se a *imagem poética*<sup>7</sup> estiver neste limite psicolinguístico. Imagens poéticas são imanentes em ensaios metafóricos. São imagens relacionadas porque são ambas despertadas e controladas pela linguagem poética; coincidem com o som metafórico e os sentidos gerados pela cena imaginária implantada pelo ícone verbal. Esta é a fusão de significado e sensibilidade. Não é a realidade da metáfora poética que guia a atenção, mas o material para expressar a imanência da experiência emocional retransmitida pela figuração do significado ou pela "iconicidade" do significado. É ainda melhor a fusão de significado com a inundação de imagens evocadas. É nesse sentido que a imagem poética permanece um "ser da linguagem", nas palavras de G. Bachelard, tomada por Ricoeur.

A poética e a estética se cruzam aqui sem serem confundidas. A função poética da metáfora não acrescenta nada à descrição da realidade, mas o funcionamento icônico da imaginação aumenta nossas formas de sentir e o poder cognitivo, emocional e prático de compreender a linguagem poética. Poderíamos chamar de "ontologia direta", uma "ontologia poética", uma fenomenologia da imaginação poética. A imagem poética é uma nova imagem derivada de um processo de criação de significado com um propósito ontológico: "a comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significado ontológico" que pode ser descrito em dois traços. Por um lado, opera a articulação de "subjetividade pura, mas efêmera e uma realidade que não necessariamente vai tão longe quanto sua constituição completa". Por outro lado, a novidade da imagem poética em seu surgimento está na origem do ser falante: a metáfora poética mantém juntos os objetivos semânticos e ontológicos, seguindo o fio do "retumbante" da imagem poética na profundidade da existência. A imagem poética torna-se uma "origem psíquica". O que era um novo ser da linguagem torna-se

um "aumento da consciência", melhor, um "crescimento do ser". A tarefa da imaginação poética neste segundo nível mantém em suspense a realidade da afirmação metafórica de retratar ideias no campo imaginário e sensorial com sua eficiência de transformação sensível para o tema.

No terceiro nível, a imaginação poética coloca a imagem metafórica em espera para destacar sua relação com a realidade, uma vez que a linguagem poética também tem um escopo referencial.

### Considerações finais

A linguagem poética é tanto sobre a imagem poética quanto sobre a realidade à qual se refere a afirmação metafórica. O funcionamento da referência em uma afirmação metafórica é tão "estranho" quanto o último. O significado literal da declaração metafórica refere-se a uma referência descritiva de primeira linha na linguagem ordinária, enquanto o significado figurativo refere-se a uma referência de segunda ordem. Uma vez que o significado de uma metáfora vívida repousa sobre o surgimento de uma nova congruência semântica sobre as cinzas do sentido literal arruinada por sua incongruência. A auto supressão da referência literal é a condição de projetar novas maneiras de reescrever o mundo sobre as ruínas da referência comum. Como a ficção, a metáfora poética com *perspicácia* penetra no coração das potencialidades do nosso ser no mundo profundamente enterrado na realidade escondido por nossas trocas na vida cotidiana atual.

O funcionamento linguístico da metáfora muda essa antiga concepção psicológica da ficção, considerada uma imagem complexa produzida pela combinação de imagens em si que são evidências de impressões. Com metáfora e ficção, a imaginação não se reduz mais a ser uma faculdade de reprodução de imagem ausente, uma atividade que produz significado. A imaginação é, portanto, movida da esfera perceptiva da representação para a esfera da linguagem. Sem exclusividade de uma esfera para outra,

<sup>7</sup> É em G. Bachelard que Ricoeur toma emprestado a expressão "imagem poética" da fenomenologia psiquiátrica de Eugene Minkowski. É um "alívio repentino da psique" e "coloca em movimento toda a atividade linguística". A imagem poética é um "evento dos logotipos" (BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Paris: PUF, 2009. p. 1-7).

pode-se dizer que a estrutura implícita da imaginação é levada pela imagem e pela linguagem. O funcionamento linguístico da metáfora renova o uso da imaginação.

## Referências

BARTHES, Roland. Análise estrutural da narrativa. Sobre atos X-XI. In: BARTHES, Roland. *Exegesis e hermenêutica*. Paris: Le Seuil, 1971. p. 181-204.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural das Narrativas. In: *Comunicações 8*. 1966. p. 1-27.

BULTMANN, Rudolf. *Novo Testamento e mitologia*. Com um texto inédito de Ricoeur. Genebra: Labor and Fides, 2013.

EDELSON, Marshall. *Linguagem e Interpretação na Psicanálise*. Chicago: Chicago University Press, 1984.

FREUD, Sigmund. A Interpretação do Sonhos (1899-1900). In: FREUD, Sigmund *Obras completas: psicanálise IV*. Paris: PUF, 2004. p. 319-559.

FREUD, Sigmund; BREUER, Joseph. *Estudos sobre histeria* (1895). Paris: PUF, 1956.

HESTER, Marcus B. *O significado da metáfora poética*. Haia: Ovelhas, 1967.

LACAN, Jacques. Complexos Familiares na Formação do Indivíduo (1938). In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Paris: Seuil, 2001. p. 23-83.

LACAN, Jacques. Função e Campo de Fala e Linguagem na Psicanálise. Relatório do Congresso de Roma, em *Psicanálise 1*, 1953, p. 81-166. In: LACAN, Jacques. *Escrito I* (1966). Paris: Seuil, 1999. p. 235-321.

LACAN, Jacques. Mirror Stage as Trainer of the Function of the I (1949). In: LACAN, Jacques. *Escrito*. Paris: Seuil, 1966. p. 93-100.

LACAN, Jacques. *Seminário I*. Escritos técnicos de Freud (1953-1954). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. *Seminário II*. O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica (1954-1955). Paris: Seuil, 1978.

LACAN, Jacques. *Seminário III*. Psicoses (1955-1956). Paris, Seuil, 1981.

LEVI-STRAUSS, Claude. A análise morfológica dos contos russos. *Revista Internacional de Linguística e Poética Eslavas*, [S. l.], 1960/3, p. 122-149.

LEVI-STRAUSS, Claude. O estudo estrutural do mito. *Antropologia Estrutural*, Nova Iorque, Doubleday, p. 202-228, 1967.

MARINHA, Louis. Análise Estrutural de uma Narrativa de Parábola: Mateus 13. In: CHABROL, C.; MARIN, L. (ed.). *Semiotic narrativa: narrativas bíblicas*. Paris: Didier-Larousse, 1971. p. 1-23.

MARINHA, Louis. Mulheres na tumba. Análise estrutural de um texto evangélico. In: CHABROL, C.; MARIN, L. (ed.). *Semiotic narrativa: narrativas bíblicas*. Paris: Didier-Larousse, 1971. p. 39-50.

RICOEUR, Paul. Desmiostologização e Hermenêutica. In: BULTMANN, Rudolf. *Novo Testamento e mitologia*. Genebra: Labor and Fides, 2013.

RICOEUR, Paul. Imagem e Linguagem. In: RICOEUR, Paul. *Escritos e palestras 1*. Em torno da psicanálise, Paris, Seuil, 2008.

RICOEUR, Paul. Imagem e linguagem. In: RICOEUR, Paul. *Psicanálise e Linguagem*. New Haven-London: Yale University Press, 1978. p. 293-324.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000a.

RICOEUR, Paul. La Vie chrétienne. *Journal de l'Église presbytérienne au Canada*, [S. l.], n. 41, p. 4-6, 1992.

RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique I*. Paris: Editions du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. *L'herméneutique biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2000b.

RICOEUR, Paul. *O Si-Mesmo como um Outro*. Campinas: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Psychanalysis and Art*. In: RICOEUR, Paul. *Escritos e palestras 1: em torno da psicanálise*. Paris, Seuil, 2008. p. 221-256.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

---

## René Armand Dentz Junior

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, MG, Brasil; pós-doutorado pela University of Warsaw (UW), Polônia; pós-doutorado pela Université de Fribourg (UniFR), Suíça; pós-doutorado pela Universidade Católica Portuguesa – Braga (UCP-Braga), Portugal; pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em Campinas, SP, Brasil. Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica Oficial do Brasil (SOPOB), em Vitória da Conquista, BA, Brasil. Professor do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

René Armand Dentz Junior  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Departamento de Filosofia  
Rua Cláudio Manoel, 1162  
Funcionários, 30140-100  
Belo Horizonte, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*